

## Notícias arqueologicas do Alto-Alentejo

(Desenhos de Francisco Valença)

Por amavel convite de meu bom primo e amigo o D.<sup>or</sup> Antonio Maria de Gouveia Biscaia Hortas, de Tolosa (Alto-Alentejo), passei naquela localidade as férias do Natal de 1920, e ora em companhia d'ele, ora sòzinho, mas sob os seus auspicios, tive ensejo de observar várias antiguidades, e de colhêr alguns objectos para o Museu Etnologico. De tudo vou dar conta muito sumária.

## I.—Antiguidades

## I. ANTAS:

No concelho de Nisa, como noutros do Alentejo, ha ou houve muitas antas. O povo conhece perfeitamente a denominação, que emprega a cada passo em sentido comum: «uma anta», «a anta de tal», «chouve aqui uma anta», «está ali uma anta». Obtive noticia de algumas:

1. *Anta 1.<sup>a</sup> de S. Gens*, ao pé da capela de S. Gens, termo de Nisa, não longe e na direita do rio Sor, à esquerda do caminho que conduz de Gáfeto a Nisa. Estive lá em 30 de Dezembro. A anta consta de camara e vestigios de corredor, aberto para o Nascente (fig. 1). A camara é actualmente formada só por cinco esteios, A, B, C, D, E, em dois dos quais, E e B, assenta a tampa; outros estão caídos, dentro e fóra da camara. Tudo de granito da região. A mamoa, que devia cobrir a anta, já não existe. Largura da camara no estado actual, uns 3 metros; altura, nas mesmas condições, uns 2<sup>m</sup>,5. Na fig. 1 dá-se ao leitor uma planta esquematica da camara. Em roda da anta encontram-se fragmentos de ceramica neolitica. A anta é ainda muito bela, e avulta elegantemente na planicie. Oxalá o camartelo do aldeão não acabe de a destruir! A civilização antiga não se interrompeu de todo ali, porque perto da anta ha uma *muradeia*, nome que dão por estes sitios (Nisa, etc.) a um local em que se encontram quaisquer vestigios do passado, que o povo tenha como tais: ruínas, pesos de barro, telhões, «pedras d'intigo», caqueirada, e «casas do tempo da Mourama», etc.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Este vocabulo corresponde ao que no Algarve chamam *alcarial*: cf. *Religiões da Lusitania*, III, 175, nota 9.—Viterbo cita no *Elucidario* esta palavra, na fôrma *moradea*, como do sec. XIII, mas dá-lhe a significação de «moradia»; cf. também *muradal*, que no *Diccionario* de Morais & Velho tem a significação de «lugar cheio de caliça e cascalho de edificio demolido».

2. *Anta 2.<sup>a</sup> de S. Gens.* Numa tapada, a pouca distancia de S. Gens, igualmente termo de Nisa, vi de longe uma anta arruinada, só com alguns esteios e já sem tampa.

3. *Anta 1.<sup>a</sup> de Vale de Anta,* na frêguesia de Gáfete, concelho do Crato. O povo chama-a assim, porque fica numa eminencia sobranceira á encosta esquerda de um vale, em cujo *thalweg* passa um regato: quer o vale, quer o regato são porém quasi imperceptiveis. Visitei-a em 4 de Janeiro. Ela consta de camara coberta, mas já sem vestigio de corredor; nem de atêrro ou mamoa. Estão de pé seis esteios de granito, A, B, C, D, E e F; a tampa, também de granito, assenta em B, C e F; os esteios E e F, quebrados. Quasi todos os esteios são lisos na face interna; porém não houve trabalho de alisamento: assim os achou ou arrancou quem construiu a anta. Vid. na fig. 2 uma planta esquematica da anta. Algumas medidas: largura do esteio A: 1<sup>m</sup>,43; do esteio D: 1<sup>m</sup>,41.

4. *Anta 2.<sup>a</sup> do Vale de Anta.* Do outro lado do regato, a uns 200 metros, para o Poente, da anta que fica indicada no paragrafo antecedente, vi na mesma occasião outra anta de que ninguem me havia falado: fica no ponto mais alto d'aquelle lado do vale. Está desmantelada, restando dela só tres esteios de granito. Já não tem tampa, mas tem ainda vestigios de mamoa, conservada entre mato.

5. *Anta do couto-Biscaia.* Nesta região do Alentejo a palavra *couto* significa certa extensão de terreno, maior ou menor que *herdade*, mas sem montado de azinho ou de sôbro, como esta; produz geralmente cereais, e umas vezes tem casa de habitação, outras não tem. Originariamente deve ter sido um pedaço de baldio que foi *coutado*.—O couto-Biscaia, também chamado *monte-Biscaia* e *monte da Fome* (designação antiga) é hoje genuina *quinta*, e pega com o Vale de Anta, de que falei nos n.<sup>os</sup> 3 e 4: fui lá no mesmo dia. Tem casa de habitação, ou *monte*, e a uns 300 metros de distancia d'este, para o Sul, houve uma *anta* de que hoje só restam três esteios, A, B e C; (vid. um esquema na fig. 3); o esteio C está inclinado para o centro, e mede 1<sup>m</sup>,27 de largura. Em volta vêem-se pedras caidas. O terreno em que fica a anta é baixo, e está plantado de oliveiras. Antes da minha visita a esta anta obtivera eu em Tolosa, das mãos de um camponês, um instrumento de pedra polida que vai desenhado na fig. 4, e que apparecera no «couto»: relaciona-se evidentemente com a anta. Isto instrumento, que poderei chamar

*formão*, é de xisto anfíbólico: mede de comprimento 0<sup>m</sup>,198 (com a secção que vai indicada ao lado da figura), e tem o gume convexo, e aparado só de um lado; a extremidade oposta a ele devia ser pontaguda, mas está um pouco gasta. Este objecto é comparavel, pela pedra e pela fôrma, a um que o Sr. Marques da Costa desenhou no seu livro *Estações prehistoricas de Setubal* (separata do *Archeologo Português*), p. 62, ao qual ele tambem dá o nome de *formão*. Na propriedade ou «couto» de que estou falando appareceu, e veio para o Museu, por dadiua generosa da Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>ra</sup> D. Brigida Biscaia, um objecto de barro, fig. 5 (tamanho natural), de fôrma de carrinho de linhas ou de roldana, comparavel a outros que se conhecem dentro e fóra de Portugal, e que se têm como da epoca neolitica e do bronze<sup>1</sup>: assim como relacionei com a anta o instrumento de pedra ou *formão*, tambem relaciono este objecto, o que de mais a mais está de acôrdo com a cronologia, pois as antas do Alentejo chegaram ao periodo calcolitico.

6. *Anta do Vale Gateiro*, numa *courela* de Manoel Lopes, á direita do rio Sor, frèguesia da Amieira, concelho de Gavião: hoje destruida. Estive lá em 7 de Janeiro. A anta ficava num altinho, dentro de um azinhal, num ermo: d'ela resta apenas uma cova. Os barbaros destruíram e levaram tudo,—esteios, tampa, e porventura objectos que dentro haveria. Só o guardador das ovelhas que se ouviam chocalhando ao longo, para lá do arvoredo, poderia dizer ao certo qual fóra a fôrma da anta, porque muitas vezes a contemplaria estático, interrogando-lhe os segredos e o mistério; mas tanto se me oprimiu o coração perante o destrôço d'aquelle venerando monumento arcaico, que nem sequer ousei aproximar-me do pegureiro! Nas cercanias da cova encontrei eu mesmo metade de um machado de pedra polida, de 0<sup>m</sup>,093 de altura, que vai desenhado na fig. 6; por ali apparecem tambem muitos fragmentos ceramicos neoliticos.

7. *Anta do Vale de Castelo*. Ficava no alto de uma tapada, perto de um ribeiro, na frèguesia de Gáfete, mas hoje está destruida.

8. *Anta de Perlím*. Disseram-me que houve outr'ora uma anta no sitio de Perlím, frèguesia da Amieira (Gavião), mas que só restam d'ela hoje vestigios.

<sup>1</sup> Vid. *De Campolide a Melrose*, p. 27.

9. *Anta de Alpalhão*. Também me disseram que havia outra na estrada de Castelo de Vide a Alpalhão. Na fig. 7 dá-se uma gravura, segundo uma fotografia que o meu aluno universitario Abreu Fignier me ofereceu.

## II. MURADEIAS (moradeias):

A cima, p. 118, nota 1, defini «moradeia». Aqui vou mencionar as de que tive conhecimento.

1. *Moradeia da Lameirancha*. Fica no «couto» do mesmo nome (*Lameir'ancha*), numa explanada em que ha um carvalhal, a pouca distancia da ponte do rio Sor (Tolosa). Aí fui eu por várias vezes durante a minha estada em Tolosa; todo o terreno está salpicado de pedaços de *imbrices*, de fragmentos de potes e outras vasilhas. Algumas das *imbrices* tinham desenhos digitais, curvilíneos, como se vê em três pedaços que eu trouxe, um d'elles (0<sup>m</sup>,121 de altura) desenhado na fig. 8. Na fig. 9 vai desenhado um bordo de vasilha. Também aí vi fragmentos de louça pre-romana.

2. *Moradeias do couto-Biscaia*. Ha aí tres *moradeias*, pelo menos. Estive numa d'elas, que fica num altinho, perto da anta n.º 5, e aí vi cacos romanos ou visigóticos, de potes, e tijolos; aí appareceram também pesos de barro e várias moedas romanas de bronze, e, pelas informações que me deram, uma *mola manuaría*. As moedas são de Antonino, Claudio 2.º, e Constantino 1.º Um dos pesos é de fôrma de tronco de piramide quadrangular, de 0<sup>m</sup>,104 de altura, e tem no tópo a marca X, feita antes da cozedura (fig. 10), pêso de aspecto romano; o outro pêso é de barro diferente, de fôrma de sino, de 0<sup>m</sup>,175 de altura (fig. 11), talvez visigótico. Noutra *moradeia* appareceu um valioso objecto de bronze, visigótico (chapa de cinturão), que será estudado noutro artigo. O apparecimento d'este objecto confirma-me a hypothese de que um dos pesos de que falei seja visigótico. O feitor que, por ordem do S.º João de Matos Rosa Biscaia, dono da propriedade, me acompanhou na minha visita, disse-me que cada *moradeia* correspondia a uma ou duas casas, e isso apoio eu, pelo que vi. Na mesma propriedade, não sei porém bem o sitio, appareceu mais um objecto de bronze, de cuja serventia nada posso dizer. Tanto este objecto, como a chapa de cinturão, as moedas e os pesos me foram oferecidos para o Museu Etnologico pela Ex.ª S.ª D. Brigida Biscaia, a quem já acima me referi.

3. De outras moradeias me falaram, por exemplo:

Na quinta da Tapada Nova; ao cimo da ponte do Vale de Cabreiro; no curral do China; nas Tamaresas: porém não pude ir a nenhuma d'elas.—Vid. tambem supra, anta 1.<sup>a</sup>

### III. SEPULTURAS ABERTAS EM ROCHA:

No couto Biscaia, que, como se está vendo, é um Museu de Arqueologia, ha, segundo me disseram, nove a dez sepulturas abertas em rocha. Vi uma num penedo pequeno, incompleta (fig. 12).

Tambem me disseram que havia muitas ao pé de Gáfete, e que uma tinha uma cruz no fundo, em todo o comprimento e largura.

Conforme o que notei n-*O Arch. Port.*, XI, 369-370, as sepulturas abertas em rocha são de epoca cristã.

### IV. MACHADOS DE PEDRA, ACHADOS AVULSAMENTE.

Pelos arredores de Tolosa e Gáfete, nos campos, apparecem avulsamente, como com frequencia acontece em todo o Sul, muitos instrumentos de pedra polida. Segue-se a menção de alguns que obtive para o Museu:

Fig. 13 (Tolosa).—Machado achatado, de 0<sup>m</sup>,165 de comprimento, de fôrma sub-triangular e gume convexo (a secção vai indicada dentro da figura).

Fig. 14 (Tolosa).—Machado roliço assimetrico, de 0<sup>m</sup>,11 de altura, de gume quasi recto, com a ponta partida; secção oval.

Fig. 15 (Gáfete).—Machado de fôrma de cunha, de 0<sup>m</sup>,097 de altura, de gume convexo, e secção sub-quadrangular.

Fig. 16 (Gáfete).—Instrumento estreito, de 0<sup>m</sup>,106 de comprimento, de gume convexo, com a extremidade quebrada, secção quadrangular. Tem aspecto de escopro.

Figs. 17 a 23.—Fragmentos maiores ou menores de machados de tipos vulgares: 0<sup>m</sup>,115; 0<sup>m</sup>,134; 0<sup>m</sup>,135; 0<sup>m</sup>,098; 0<sup>m</sup>,104; 0<sup>m</sup>,099; de altura. Em alguns o gume está nitido; noutros (n.<sup>os</sup> 19, 21 e 23) está poido, por effeito de trabalho; no machado n.<sup>o</sup> 18 está muito gasto.

Todos estes instrumentos são de xisto ou diorite.

Fig. 24.—Delicado instrumento de fibrolite, de 0<sup>m</sup>,081 de altura, de fôrma sub-triangular, e gume convexo, que se continúa insensivelmente com os bordos; secção sub-rectangular ou oval. Não ousarei chamar-lhe machado; tem mais jeito de ter sido encabado pela ponta, por exemplo num chifre pequeno, seria pois um instrumento analogo a formão ou escopro.



Fig. 23

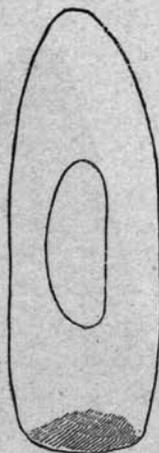


Fig. 13



Fig. 22



Fig. 7



Fig. 6

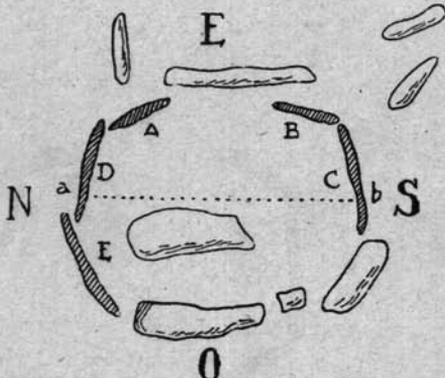


Fig. 1



Fig. 24

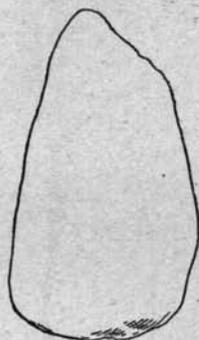


Fig. 26



Fig. 8

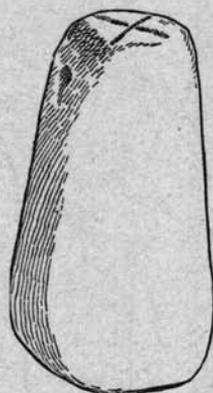


Fig. 10

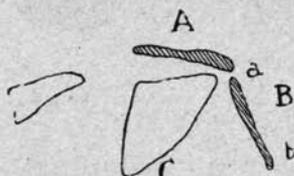


Fig. 3



Fig. 9



Fig. 5

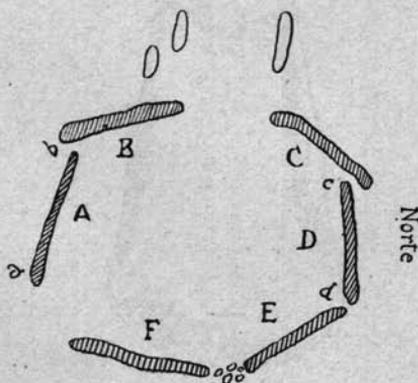


Fig. 2



Fig. 16

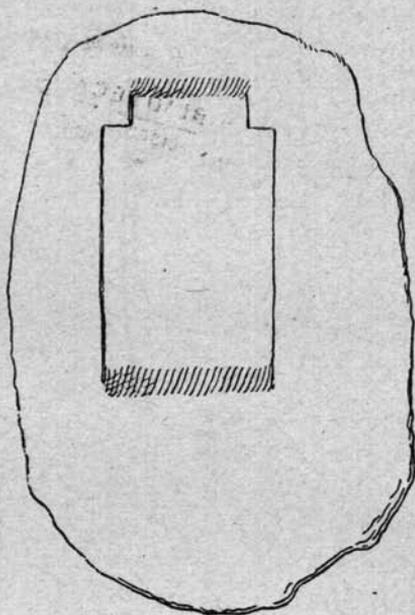


Fig. 12



Fig. 4

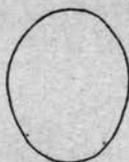


Fig. 14

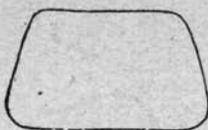
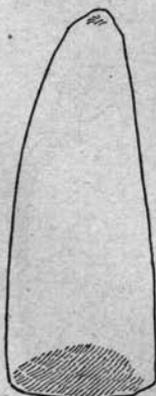


Fig. 17

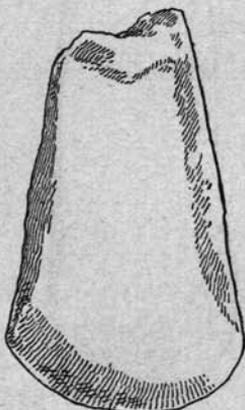


Fig. 21





Fig. 28

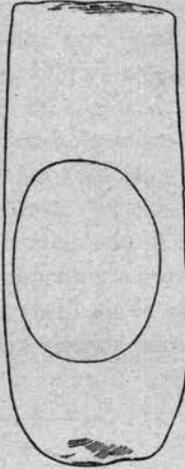


Fig. 18

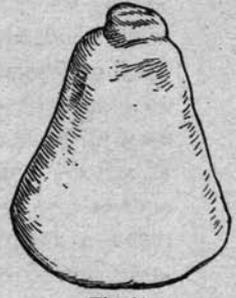


Fig. 11

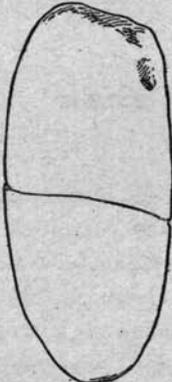


Fig. 27



Fig. 25



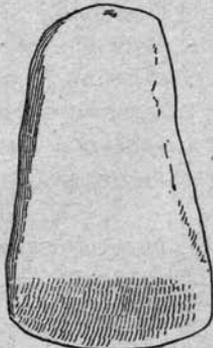
Fig. 20



Fig. 19



Fig. 15



## V. PESOS DE BARRO.

Aparecem tambem muitos pelos arredores das povoações, certamente em moradeias ou proximo. Obtive tres quasi inteiros e o fragmento de outro. Nas figs. 25 e 26 temos dois, respectivamente de 0<sup>m</sup>,108 e 0<sup>m</sup>,009 de altura, de fórma de tronco de piramide de base quadrangular (um d'elles conserva o orificio, o outro não). Na fig. 27 temos um pêso de 0<sup>m</sup>,105 de altura, partido em dois, com o tópo de fórma sub-quadrangular, arredondado e estreito para a base; conserva o orificio. Na fig. 28 representa-se a metade de um pêso, de 0<sup>m</sup>,047 de altura, em que se vêem ainda vestigios (sulco) do orificio primitivo. Todos estes pesos vieram para o Museu.

J. L. DE V.

## Memória sôbre o concelho do Sabugal

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xv, 86)

Pouco depois de publicado o nosso último artigo referente ao castelo do Sabugal<sup>1</sup>, edificado na antiga vila, tivemos a desagradável noticia de que desabara um lanço de muralha e de que fôra demolida a antiqúissima igreja de Santa Maria do Castelo.

A noticia do desabamento do lanço da muralha vimo-la no *Diário de Notícias* de 1 de Julho de 1912, nestes termos lacónicos, mas expressivos: «Castelo do Sabugal. Ameaça ruína este precioso monumento.

Sabugal, 1.—No inverno passado desabou um lanço da muralha que circunda o castelo desta vila, sendo para recear que num futuro mais ou menos próximo aquele sumptuoso monumento venha a sofrer qualquer prejuízo se não se adoptarem as providências convenientes. Chamamos a atenção do illustrado Conselho dos Monumentos Nacionais para este importante assunto».

A pouco e pouco há-de ir desabando o resto, apesar do forte, vetusto e venerando castelo, que pelo insigne poeta do *D. Jaime* foi delicadamente cantado, estar classificado como monumento nacional.

Desabou já o lindo e curioso portal que dava acesso à cidadela e sôbre cuja padieira se destacavam as armas do tempo da restauração.

Embora a igreja não representasse um espécime notável de arquitectura mediévia, era digna de ser conservada pela sua antiguidade

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, xiv, p. 303.